

o único, pensamento de max stirner

I

Não há muito o que se dizer acerca do fato de que a raiz do pensamento moderno reside no indivíduo. E, como se autorizado por este indivíduo, rapidamente Nietzsche relatou ao Japão acerca do ego. No entanto, ao falarmos de Nietzsche, dizem que ele plagiou seu pensamento de um estudioso pioneiro, Max Stirner, uma vez que não há quase nada de sua autoria.

Não acredito que Nietzsche tenha sido plagiador de Stirner. Também não penso que Nietzsche tenha aprendido diretamente dos escritos de Stirner. Nietzsche era, em suas próprias palavras, uma pessoa que “vivia em seu próprio mundo”. Mas não há dúvida de que o trabalho de Stirner tenha exercido grande influência sobre Nietzsche, ainda que indiretamente. Na verdade, existe bastante afinidade entre as obras literárias dos dois.

II

Stirner era um pseudônimo. Ele se chamava Johann Kaspar Schmidt. Nasceu em 25 de outubro de 1806, em Bayreuth, cidade que pertencia à região da Prússia e, hoje pertence à Baviera¹. Seu pai era fabricante de flautas e morreu pouco depois de seu nascimento. Três anos depois, sua mãe casou-se com o farmacêutico (Heinrich) Ballerstedt, e mudaram-se para a pequena cidade de Kulm, no oeste prussiano. Ali ele ainda era Schmidt.

Schmidt recebeu sua educação elementar, mas, aos doze anos, retornou a Bayreuth e frequentou um famoso ginásio da região. Ali, ele permaneceu por sete anos. Além disso, entrou na Universidade de Berlim onde, por dois anos (de 1826 a 1828), estudou Filologia e Teologia através de Bouk, Hegel, Marheineke, Ritter e Schleiermacher, entre outros. Pouco depois, ele passou um período na Universidade de Erlangen, assistindo a palestras de professores como Wiener. Entretanto, abandonou a faculdade e passou um ano viajando pelo país. Então, passou um ano em Krumm por questões familiares. Também passou outro ano em Königsberg. Neste período, voltou a frequentar a faculdade, e passou a estudar Filologia e Filosofia. Em outubro de 1833, de acordo com os professores Bouk, Rachmann e Mihele, mesmo tendo passado um tempo afastado por problemas de saúde, ele concluiu seus estudos como estudante da faculdade.

Pouco tempo depois, este Schmidt passou a se chamar Max Stirner e, com exceção de uma pequena autobiografia feita por ele em 1834, muito pouco foi revelado dele ao mundo. Mesmo após a sua morte, sua história continua encoberta pela escuridão.

Depois de terminar a faculdade, passou a ensinar em uma escola de nível médio e em uma escola feminina em Berlim, mas não há registros de que tenha comentado sobre seu pensamento do eu ali. Neste meio tempo, ele conseguiu arrumar uma esposa, mas foi abandonado cerca de seis meses depois. Teve problemas com a mãe, que ficou louca, mas conseguiu outra esposa, depois de seis anos. Esta companheira também o abandonou após três anos.

Em 1844, a obra de Max Stirner, *O Único e sua Propriedade*², foi publicada por Otto Wigand, em Leipzig. Em certo ponto, as críticas foram tão vigorosas que o livro chegou a ser proibido. No entanto, com a aproximação cada vez maior das Revoluções de 1848, sua reputação se extinguiu por completo.

Ao mesmo tempo em que Stirner lançava seu livro, os portões da escola em que ensinava foram fechados. Por meio da caridade de Wigand, ele passou a fazer traduções a fim de comprar comida e roupas; após esse momento de pobreza, aprendeu a sobreviver. E então, em 1850, foi preso por suas dívidas.

Assim, acabou por ser esquecido pelo mundo e, em 25 de junho de 1866, morreu sem ser lamentado por ninguém. Tinha 49 anos e oito meses.

III

Para dar o devido valor ao Único de Stirner, é preciso voltar a Hegel e a alguns de seus sucessores. Hegel era de uma escola de pensamento restauradora. Por essa razão, o pensamento que pregava em Berlim era conservador e reacionário. Assim, a maioria de seus seguidores correram para o autoritarismo. Apesar disso, seu pensamento filosófico era bastante revolucionário. Desta forma, para o resto dos estudantes, a dialética, que pode ser chamada de uma espada de dois gumes, forçou uma batalha de pensamentos pelo domínio do autoritarismo.

O primeiro exercício foi tirar as fundações da vida social da Teologia. A origem das religiões foi considerada histórica. Houve uma crítica filosófica da própria base da

religião. Surgiu um ataque à moralidade do Cristianismo. *A Vida de Jesus*, de Strauss, *Crítica ao Evangelho*, de Bruno Bauer, e *A Essência do Cristianismo*, de Feuerbach, são as três obras mais representativas da rebelião contra o autoritarismo da Igreja.

Ao escrever que “a divindade (o coração de Deus) não é nada além da sombra da pessoa refletida nos céus, e isso não exclui os atributos pertencentes às pessoas”, Feuerbach transformou Teologia em Antropologia e o Cristianismo em Humanismo.

Entretanto, uma vez que a espada da Dialética sai da bainha, ela não pode ser contida meramente pela convocação de uma autoridade religiosa. É neste ponto que entra *O Único e sua Propriedade*, de Max Stirner. Stirner não apenas derrubou os ídolos humanos de Feuerbach, mas, além disso, construiu o ensinamento do “único” e do “eu”. Ele pode ser considerado um anticristo. Ao mesmo tempo, sua filosofia era antimoral e antissocial. Rejeitava qualquer autoridade além do “único”.

IV

“Há um fantasma em sua cabeça... Há uma fissura dentro do seu cérebro! Você tem uma ideia fixa. Assim como dizem sobre a autoridade das pessoas inertes, assim como dizem das autoridades morais que não movem um único dedo. Sendo possuído por essa ideia fixa, confinado em um hospício, você, um lunático de dar dó”.

Esta ideia fixa, essa ideia fantasma, mais especificamente algo chamado sociedade, moralidade ou religião, nas palavras de Stirner, são como um vampiro que sugam

o sangue dos vivos. Enquanto não se conseguir matar o coração desse vampiro por completo, enquanto não se recusar a submissão a isso, não é possível obter esta liberdade. Assim sendo, esta liberdade não pode ser alcançada pela metade, sem dar tudo de si mesmo, sem ir até o fim. Portanto, quando todos os laços da sociedade são rompidos, tudo o que resta é o eu do indivíduo. Somente aquele ser único.

“Eu sou o único. Não existe nada além de mim”. Coisas como leis morais não passam de ilusão. Ainda assim, aqueles portadores dos ensinamentos que guiam as pessoas ao redor do mundo, em nome desta ilusão, aumentam cada vez mais o barulho de suas flautas e tambores, deixando que as pessoas dançam em inocente ignorância.

V

O individualismo de Stirner é radicalmente extremo, assim, ele não desaprovava o chamado coração altruísta. Ele se recusava a enlaçar este conceito à natureza (humana) de maneira obrigatória ou compulsória.

“Eu amo as pessoas. No entanto, este é um amor consciente e que parte do egoísmo. Porque faz com que me sintam bem. Porque me faz feliz. Desta maneira, eu não penso (me preocupo) em absoluto se estou sacrificando uma pessoa. É mais fácil conquistar o coração das pessoas com gentileza do que cometendo crueldades”. “Eu simpatizo com cada sentimento. A agonia (do outro) dói igualmente em mim. O prazer (do outro) me faz igualmente feliz. Eu poderia matar estes sentimentos em um segundo, mas não sou capaz de fazer coisas como ignorar uma agressão

óbvia. Isto porque não quero perder a calma da minha consciência ou meu sentimento de perfeição. Nós não somos pecadores, como ensina a religião. Somos todos perfeccionistas”.

“Assim como acontece com as flores, não existe algo como paraíso ou chamado divino. Eu não pertença a ninguém além de mim mesmo. Eu vivo apenas para mim mesmo, aproveitando o mundo, e não peço nada além do direito de viver feliz”.

“Sendo assim, tudo que consigo obter e tudo que consigo manter, tudo me pertence; é minha propriedade. E para isso, todos os meios se tornam normais para mim. No entanto, o que me dá esse direito é somente o meu poder”.

“Aqui temos um cachorro, olhando para outro que está com um osso; se ele se controla em silêncio, é porque se considera fraco demais. As pessoas respeitam os ossos das outras pessoas. Isso passa como sendo humanidade. E o que vai contra isso é chamado de ‘barbaridade’ ou ‘egoísmo’. Que sejam organizados grupos egoístas. É preciso reclamar, por exemplo, quando uma propriedade é roubada”.

Organize grupos de ideologia egoísta. É o que se precisa para reclamar de propriedades roubadas, entre outras coisas.

VI

Por quarenta anos, esta obra-prima de Stirner ficou esquecida num canto da prateleira, coberta em poeira. Mas seu pensamento avançou. Finalmente, este autor

desconhecido e solitário veio a ser reconhecido como um dos mais intensos pensadores de sua era. Além disso, sabe-se que as reclamações feitas pelas pessoas hoje estavam já corretamente descritas ali. No início de 1882, uma nova edição alemã foi lançada. Por fim, também traduções em francês, inglês e italiano. Também foi traduzido para muitas outras línguas da Europa. E, da mesma forma, John Henry Mackay, depois de mais dez anos de trabalho, lançou *Vida e Obra de Max Stirner* e também *Coleção de Ensaios de Max Stirner*, dando um pouco mais de conveniência aos novos pesquisadores.

Eu reconheço que existem muitas falácias na discussão sobre Stirner. Mas não vou falar sobre elas agora. No entanto, ao ver o estado em que a nação alemã se encontra, no momento em que esse livro é escrito, não posso deixar de pensar no quão profundo é seu valor histórico e filosófico.

Entre todas as obras do partido oposicionista de Hegel não é possível encontrar uma revolta tão feroz contra a disciplina severa e sufocante da Prússia de 1848. Nem mesmo entre o chamado liberalismo da época, aqueles covardes que falavam mal por não saberem requerer seus direitos através da força.

A liberdade exigida pelos liberais, em sua visão, era apenas como esmolas oferecidas a mendigos. Essas chamadas liberdade e propriedade tinham que ser conquistada acima de tudo pelas suas próprias forças. J. L. Walker, que escreveu o prefácio da tradução estadunidense da obra de Stirner, disse que Stirner fundamentou sua filosofia na liberdade política, entre outras coisas, mas isso não passa de uma incompreensão do verdadeiro espírito

da coisa. Para Stirner, a chamada liberdade política não deveria ser tratada levemente. Para ele, se as pessoas começam a mendigar pelo que podem, é porque se recusam a aceitar tal liberdade. As pessoas não sabem obter suas coisas pelo uso da própria força, por isso são esses chamados liberais, que mendigam pelos próprios direitos, por liberdade e independência, os que, na verdade, traçam as regras mais abusivas.

Um individualista com medo da violência, que se esconde com medo da sociedade — eu odeio esse tipo de compaixão. Neste ponto, eu me preocupo particularmente em relação à sociedade japonesa contemporânea, pois acho necessário explicar a ela vez após vez sobre filósofos individualistas de força como Stirner e Nietzsche.

(Pensamento Moderno, 1º de dezembro de 1912)

a verdade da conquista

Dentro dos escritos de Chogyu, encontramos a seguinte frase, tirada de um dos livros de Brandis:

“Ao menos quatro das maiores civilizações europeias possuem nomes estrangeiros. O nome da França vem do povo franco, que vivia na margem oeste do rio Reno; embora seus ancestrais sejam celtas, o nome não tem qualquer relação com eles. O nome da Inglaterra vem